

Calou-se a inspiração do nacionalismo

MOÇAMBIQUE perdeu mais um herói nacional com a morte, ontem, em Maputo, vítima de doença, de Marcelino dos Santos, membro-fundador da Frente de Libertação Moçambique (FRELIMO) e veterano da luta armada de libertação nacional.

Declarado herói nacional em Junho de 2015, Marcelino dos Santos andava doente há alguns anos, o que o impedia de aparecer publicamente. A sua morte foi anunciada na tarde de ontem pelo Presidente da República, Filipe Nyusi, num comício em Pemba, capital provincial de Cabo Delgado. Mais tarde, o infortúnio foi confirmado pela Comissão Política do Partido Frelimo, em comunicado distribuído no princípio da noite.

Marcelino dos Santos nasceu no Lumbo, distrito da Ilha de Moçambique, província de Nampula, a 20 de Maio de 1929, filho de pai operário nas oficinas da empresa Portos e Caminhos-de-Ferro Moçambique (CFM), Firmino dos Santos, e mãe desempregada, Teresa Sabino dos Santos.

Frequentou o ensino primário em Lumbo e fez a 4.ª Classe em Lourenço Marques, actual Maputo, onde concluiu a Escola Industrial Sá da Bandeira, onde permaneceu até aos 18 anos de idade.



Marcelino dos Santos partiu para Lisboa, Portugal, em Outubro de 1947, onde frequentou o Instituto Industrial de Lisboa e, mais tarde, o Instituto Superior Técnico (IST). Morou na Rua Miguel Bombarda e no n.º 1 da Rua Casal Ribeiro, onde durante certo tempo partilhou um quarto com Amílcar Cabral, um nacionalista da Guiné-Bissau.

Como representante da FRELIMO, teve encontros históricos com líderes mundiais como o primeiro-ministro indiano, Jawaharlal Nehru, o Presidente chinês, Mao Tsé Tung. O encontro com o dirigente chinês abriu portas para uma relação de cooperação e amizade que se revelaria importante para o desenvolvimento da luta de libertação nacional.

Marcelino dos Santos e a fundação da FRELIMO



Em 1962, sob a liderança de Eduardo Mondlane, a União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO), a União Nacional Africana de Moçambique (MANU) e União Nacional Africana de Moçambique Independente (UNAMI) fundem-se e é criada a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), com o objectivo de lutar pela libertação de Moçambique.

Em Setembro do mesmo ano, Marcelino dos Santos participa no I Congresso da FRELIMO, no qual é nomeado secretário do Departamento de Organização no Interior e das Relações Exteriores, funções que mantém até a realização do II Congresso, a 25 de Junho de 1968, quando passa a dirigir o Departamento de

Assuntos Políticos.

Com o assassinato de Eduardo Mondlane, a 3 de Fevereiro de 1969, Marcelino dos Santos integra, juntamente com Samora Machel e Urias Simango, o órgão colectivo da direcção da FRELIMO, mas após uma longa crise política, o Comité Central do movimento reestrutura a sua direcção máxima e é nomeado Samora Machel Presidente e Marcelino dos Santos, vice-Presidente.

Como representante da FRELIMO, teve encontros históricos com líderes mundiais como o primeiro-ministro indiano, Jawaharlal Nehru, o Presidente chinês, Mao Tsé Tung. O encontro com o dirigente chinês abriu portas para uma relação de cooperação e amizade que se revelaria importante para o desenvolvimento da luta de libertação nacional.

Em 1970, quando participava na Conferência Internacional de Solidariedade com os Povos das Colónias Portuguesas, em Roma, Marcelino dos Santos foi recebido no Estado do Vaticano pelo Papa Paulo VI, juntamente com Agostinho Neto, do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e Amílcar Cabral, do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

Foi membro da presidência do Conselho Mundial da Paz. E em 1971, na Embaixada da União Soviética em Dar-es-Salam, recebeu, juntamente com o saudoso Presidente Samora Machel, a Medalha Comemorativa do Nascimento de Vladimir Lenine.

De 20 de Setembro de 1974 até 25 de Junho de 1975, Marcelino dos Santos fez parte do Governo de Transição, liderado por Joaquim Alberto Chissano, como Primeiro-Ministro, que, entre várias tarefas, a criação de condições para a viagem triunfal do Rovuma ao Maputo realizada pelo Presidente Samora Machel para a proclamação da independência de Moçambique.

A independência nacional



Às zero horas do dia 25 de Junho de 1975, o saudoso Presidente Samora Machel proclamava a independência de Moçambique e a Marcelino dos Santos foi confiada a direcção do Ministério do Desenvolvimento e Planificação Económica.

Após a independência nacional, em 1975, ocupou vários cargos políticos e de governação. Foi secretário permanente e Presidente da Assembleia Popular.

Com a formação do Partido Frelimo, em 1977, é eleito membro do Comité Central e secretário do Comité Central para a Política Económica e é designado secretário da Comissão Permanente da Assembleia Popular, que acabava de ser criada.

Em 1986, assume a presidência da Assembleia Popular, órgão que dirigiu até à realização das primeiras eleições multipartidárias, em 1994, como resultado da alteração constitucional de 1990, que introduziu o multipartidarismo. Fruto do seu engajamento político, Marcelino dos Santos foi condecorado com as Medalhas XX Aniversário da Fundação da FRELIMO (Veterano), A Ordem 25 de Setembro de 1.º Grau e o título de Herói do Trabalho da República de Moçambique.

Numa cerimónia orientada pelo Presidente da República, Filipe Nyusi, a 24 de Junho de 2015, Marcelino dos Santos foi designado Herói Nacional pelos seus feitos e contributo pela causa da libertação nacional.

Símbolo da afirmação africana

O PROTAGONISMO que Marcelino dos Santos teve na construção do nacionalismo em África e na subsequente edificação dos movimentos de libertação fez com que o seu nome ultrapassasse fronteiras e conquistasse respeito a nível continental e mundial.

Marcelino dos Santos deixou de pertencer apenas a Moçambique desde que abandonou Portugal para se refugiar em Paris, em 1951, a fugir da perseguição da então Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE).

Em Paris, França, Marcelino dos Santos conheceu o nacionalista angolano Mário Pinto de Andrade e estabeleceu vínculos de amizade com quase todos os dirigentes dos movimentos que conduziram as antigas colónias francesas de África à independência.



Com Mário Pinto de Andrade, Amílcar Cabral e Aquino de Bragança, Marcelino dos Santos criou em 1961 a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), tendo sido eleito seu secretário-geral em Rabat, capital de Marrocos.

Em Lisboa, bastante jovem, inicia as suas actividades políticas, participando, clandestinamente, na organização dos Estudantes das Colónias Portuguesas e militou no Movimento da Unidade Democrática (MUD), declarado ilegal pelo governo português, em 1948.

Foi activista aceso do debate anti-colonial que tomou corpo com renovado vigor a partir da década de 1950, tendo sido preso em Novembro desse mesmo ano, numa manifestação junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, juntamente com Mário Andrade e Guilherme Espírito Santo. Era sócio n.º 248 da CEI (Casa dos Estudantes do Império), de que foi dirigente. É nesse período em que, pela primeira vez, conhece Eduardo Chivambo Mondlane, mas a relação não se aprofunda, em razão da partida deste último para continuar com os seus estudos nos Estados Unidos da América.

Quatro anos depois de

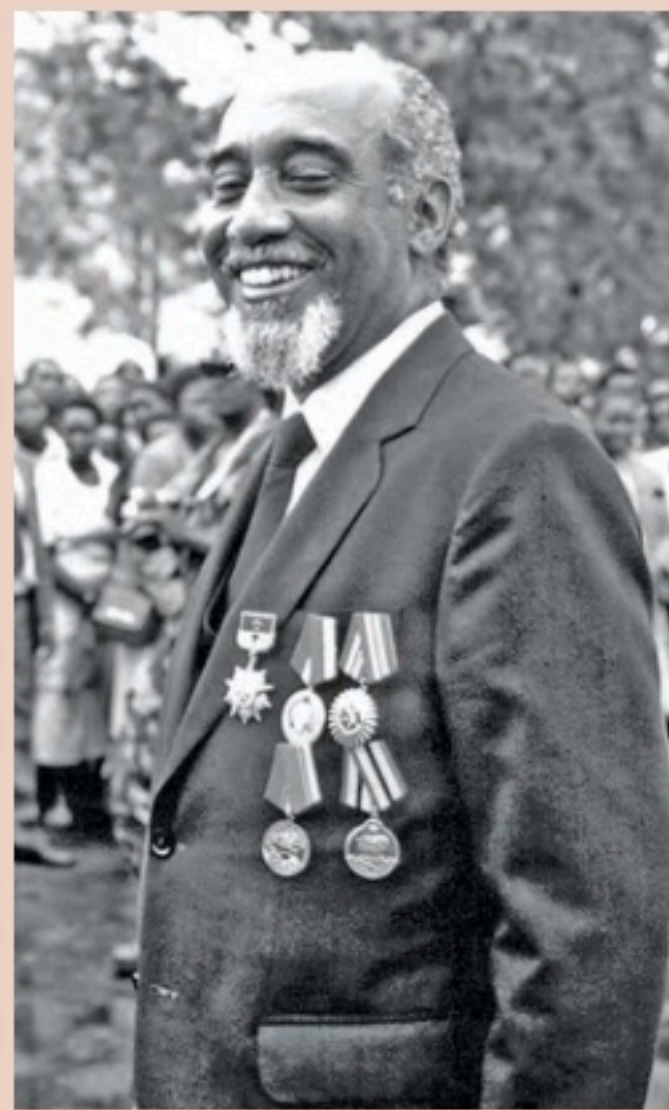
chegar a Lisboa, com 22 anos de idade, Marcelino dos Santos é forçado a abandonar Portugal e refugiou-se em França, onde permaneceu sucessivamente em Grenoble e Paris. Estudou em Grenoble, no Instituto Politécnico e, mais tarde, no Instituto de Ciências Políticas. Estuda ainda Ciências Políticas e Sociologia na Universidade de Sorbone. Foi neste país europeu onde conheceu personalidades como Aimé Césaire e Leon-Gontran Damas, alguns dos fundadores do movimento de negritude.

Em 1953, participou, em representação da juventude moçambicana, no Festival da Juventude de Bucareste. E participou, depois, nos Festivais de Varsóvia, Moscovo, Pyongyang e Havana, sempre como representante da juventude moçambicana.

Em 1954, esteve no Congresso da UIE (União Internacional dos Estudantes) e no Conselho da Federação Mundial das Juventudes De-

moocráticas, em Pequim, na China, país que percorre durante 56 dias. Em Janeiro de 1957 participa numa reunião consultiva e de estudo para o desenvolvimento da luta contra o colonialismo português. No encontro participaram também Amílcar Cabral, Guilherme Espírito Santo, Viriato da Cruz e Mário Pinto de Andrade.

A sua intensa actividade política chama atenção às autoridades francesas e, certamente, da polícia secreta portuguesa e em resultado disso, Marcelino dos Santos é expulso de França, passando sucessivamente para Bélgica, Inglaterra e, finalmente, Marrocos. Em 1961, é eleito secretário das relações exteriores da União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO), movimento no qual acabava de se filiar. No mesmo ano foi eleito também secretário-geral da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP).



Um dos resultados notáveis é a famosa declaração 1514, da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 15 de Dezembro de 1960, que afirma o direito dos povos colonizados a auto-determinação e independência.

No seu longo percurso, Marcelino dos Santos estabeleceu contactos com personalidades como Nehru, primeiro-ministro da Índia; Mao Tsé Tung, Presidente da China; Kwame Nkrumah, um dos fundadores do Pan-Africanismo e Presidente do Ghana; Léopold Sédar Senghor, Presidente de Senegal; o general Vo Nguyen Giap, fundador e comandante do Exército do Povo do Vietname.

Marcelino dos Santos estabeleceu contactos ainda com figuras nacionalistas africanas e mundiais como Ernesto Che Guevara, Amílcar Cabral, Ahmed Bem Bella, Oliver Thambo, Fidel Castro, Julius Nyerere e o Rei Mohammed V, do Marrocos.

Ainda em Paris, Marce-